MAGAZIN

Edição Nº 75



Minha verdade

KELL CARVALHO

0 651294378024 3

Copyright © 2023 Raquel Carvalho

Revisão: Clys Oliveira
Diagramação: Lilás Design
Capa: Aline Moretho

Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por quaisquer meios sem permissão por escrito dos editores, salvo em breves citações, com indicação da fonte.

Para todos os que não apenas esperam pela pessoa certa, mas que também se preparam para ser a pessoa certa de alguém.

Nossa esperança está no Senhor;
ele é o nosso auxílio e a nossa proteção. Nele se alegra o nosso coração,
pois confiamos no seu santo nome. Esteja sobre nós o teu amor, Senhor,
como está em ti a nossa esperança.

Salmos 33:20-22



Encarei o bolo a minha frente e suspirei desanimada, mas não de forma que os meus colegas de trabalho pudessem notar o meu dilema.

— Faça um desejo e sopre as velas, Carol. — Desviei os olhos do bolo para encontrar o sorriso provocador de Tony, meu melhor amigo, quem teria, supostamente, preparado a surpresa e feito questão de imprimir um *topper* enorme do número 30 para usar como decoração no bolo.

Encenei o meu melhor sorriso e olhei para as velas outra vez, com minhas entranhas se encolhendo. Trinta anos era tempo demais para estar solteira. Minha família sempre fazia questão de me lembrar sobre isso. Eu era a mais velha do total de três irmãs. Nicole, de 23 anos, estava casada há dois e Bianca, de 26, completaria sua quarta boda em dois dias.

"Não seria nada mal se o Senhor me desse um marido esse ano, Deus!" Pensei e assoprei as velas sem muita fé.

Urras e aplausos encheram a sala de reunião. Suellen, a editora chefe, aproximou-se para cortar o bolo e logo a multidão foi se dispersando. Tony pegou seu pedaço e se sentou de frente para mim, sorrindo ao detectar o meu humor azedo.

— Você me paga por isso. — Apontei para *topper* sobre a mesa.

— Por quê? 30 anos é uma ótima idade.

— Para uma mulher que está casada e com dois filhos, talvez, ou até mesmo para quem tem um casamento iminente. Mas não para uma solteirona como eu.

Tony respirou lentamente e estreitou os olhos. Dava para ver o esforço que ele fazia para não repetir o seu habitual sermão quando eu abordava aquele assunto.

— Lá vem você de novo com esse papo de encalhada. Eu tenho 31 e estou feliz com minha condição.

Ele deslizou o corpo na cadeira enquanto voltava a comer, despreocupado.

— Para os homens é diferente, Tony.

— Diferente como?

O encarei zangada. Por que era tão difícil para ele entender?

— Esquece!

Eu não queria ter que explicar para ele que, mais cedo ou mais tarde, meu organismo começaria a dar sinais de que já era tarde demais para mim e para o meu desejo de ser mãe. Às vezes, pensar sobre isso me deixava à beira do desespero.

— Olha, Carol — ele engoliu o último pedaço de bolo —, se eu fosse você, pararia de me preocupar com esse assunto. No tempo certo essas coisas acontecem. Não é isso que está escrito em Eclesiastes 03?

Cansada demais para questionar, assenti e apoie o cotovelo na mesa, abatida. Eu sabia de tudo aquilo, porém, era como se o meu tempo nunca fosse chegar.

— Talvez você tenha razão.

Por mais que eu não quisesse admitir no momento, era impressionante como Tony conseguia falar as coisas certas e me acalmava sempre que eu começava a perder o bom senso.

Quem diria que uma peraltice de criança, há quase 25 anos, poderia resultar em tanta cumplicidade. Conheci Tony em um domingo de manhã, na escola dominical. Tínhamos seis anos e, no final do estudo, ele roubou o pirulito que a professora tinha me dado por eu ter pintado a arca de Noé de cor-de-rosa. Eu chorei à beça e, no dia seguinte, ele e seus pais bateram na porta da minha casa com uma caixa de chocolate e um pedido de desculpas escrito em um cartão feito à mão. Os três acabaram ficando para jantar, e depois do ocorrido todos se tornaram grandes amigos.

— Pessoal, preciso da atenção de vocês um minuto. — A voz rouca da minha chefe me puxou dos meus devaneios. — Antes de iniciarmos nossa reunião, gostaria que dessem as boas-vindas a Paula, nossa nova jornalista. Ela integrará a equipe a partir de hoje, assumindo a coluna de culinária enquanto Sandra estiver de licença maternidade.

Todos os olhos se voltaram para a moça ruiva e bem-apessoada em pé, próxima à porta. Tony corrigiu sua postura na cadeira e passou as mãos nos cabelos levemente desalinhados. Paula exibiu um sorriso deslumbrante e acenou um "oi" tímido. Em seguida, em passos graciosos e leve como uma pluma, andou até a única cadeira vazia da mesa oval e se sentou ao lado de Tony. O perfume doce dela chegou até mim e a vi esboçar novamente o seu maravilhoso sorriso ao meu melhor amigo. Senti uma fisgada no estômago e foi a minha vez de corrigir a postura, incomodada com a sensação.

— Muito bem! — Suellen falou com o tom empolgado que usava sempre que uma grande data comemorativa se aproximava e ela tinha em mente várias ideias para fazer *"bombar"* a *Paraíso*, a revista eletrônica mais lida do nosso estado, da qual eu, com orgulho, fazia parte da equipe de jornalistas redatores. — Junho é o mês dos namorados e, como de costume, nossa edição será toda dedicada a eles. Na reunião de hoje, vamos distribuir as tarefas que cada um deverá desenvolver. Conto com a dedicação da equipe!

Suellen começou a distribuir as funções e discutir pautas para a edição mais romântica do ano. Após horas de alinhamento, ela me encarou e sorriu. Congelei. Conhecia aquele sorriso, ela só o usava quando queria pedir algo muito específico e que, provavelmente, teria resistência por parte do redator.

— Carol, querida, esse ano você será a peça central da nossa edição especial. Eu sei que você só escreve uma coluna de aconselhamento, mas, nos últimos meses, você se saiu tão bem aponto de recebemos vários e-mails de leitores querendo saber mais sobre a escritora.

— Sobre mim? — Minha voz saiu cheia de incredulidade.

— Sim! Eles querem conhecer quem é a mulher por trás de tantos conselhos maravilhosos. Em especial quando se trata de relacionamentos. Você é sempre tão reservada, mas acho que está na hora de se mostrar um pouco para os nossos leitores e revelar de onde vem tanta inspiração.

Tony segurou o riso de onde estava sentado. Apenas ele naquela sala sabia que as únicas referências românticas que eu tinha eram uma

interminável lista de romances água com açúcar que eu amava ler, *crushes* dos Doramas e dos meus *quase* relacionamentos fracassados colecionados ao longo dos anos. E, claro, as experiências que eu observava na vida dos outros, principalmente a dos nossos pais, os casais mais felizes da face da terra.

— Talvez não seja uma boa ideia, Suellen.

— Essa é a única pauta que não está em discussão, Carol. Me desculpe, você vai ter que fazer. Eu sei que se sairá bem. — Ela piscou para mim, batendo o martelo do ultimato, sem me dar chance de recusar.

A reunião acabou e as pessoas seguiram cada um para suas repartições, ansiosos para pôr em prática suas tarefas. Suellen se aproximou enquanto eu, beirando a apatia, recolhia minhas anotações.

— Eu sinto muito ter pegado você de surpresa, mas se eu te desse tempo para pensar, nunca aceitaria escrever sobre sua vida amorosa.

"Que vida amorosa?" Pensei, pesarosa.

— Vai ser bom, você vai ver. Seus leitores vão amar se sentir mais íntimos da escritora favorita deles.

Quando ela se retirou, deixei os meus ombros caírem. Suellen não sabia, mas sempre que eu recebia a carta de um leitor e conhecia o seu problema, eu orava muito até o Senhor me orientar a escrever a coisa certa. Esse era o meu ministério: levar a palavra dEle, mesmo que muitos nem notassem, a corações que necessitavam de consolo divino. Mas, agora, eles estavam me pedindo uma coisa nova, diferente e assustadora, deixando-me de frente com o meu pior pesadelo.

Joguei minhas coisas de qualquer jeito dentro da pasta e notei Tony e a novata conversando próximos à porta. Ela exibia o seu sorriso de *princesa* despreocupada, já que só teria que apresentar um menu de sugestões com os melhores pratos para um jantar romântico, e ele, como era da coluna esportiva, havia ficado de fora da loucura da edição especial.

Arrumei meus cabelos rebeldes e encaracolados para trás e caminhei na direção deles, a fim de me enturmar com a nova colega. Tony parecia mais empolgado que quando ganhou uma bicicleta nova na oitava série.

— Carol, sabia que a Paula acabou de voltar da Itália? — ele contou assim que parei diante dos dois.

— Que legal! — falei com genuína empolgação. — Nosso sonho quando éramos mais novos sempre foi conhecer a Itália. — Resgatei a

lembrança quase esquecida do *mochilão* pela Europa planejado após a formatura que, aliás, nunca aconteceu.

— Para os casais, eu indico Veneza — ela disse, talvez, sondando o terreno.

— Não somos um casal — respondemos em uníssono.

Ela alternou o olhar entre nós e sorriu, envergonhada, realçando o tom rosado de suas bochechas e ficando irritantemente ainda mais bonita. Tony trocou o peso de uma perna para outra e cruzou os braços. Ele estava nervoso na presença daquela garota?

Olhei para ele de relance e um mal-estar subiu pela minha garganta. Estranhei a sensação e pigarreei.

— Bem, eu preciso ir. Seja bem-vinda, Paula.

Eu precisava, com urgência, me sentar e pôr a cabeça e os sentimentos no lugar.

Ao chegar à minha mesa, joguei a pasta sobre ela e desabei na cadeira giratória, tampando os olhos com os punhos fechados. Como a vida podia virar de cabeça para baixo de uma hora para outra? De repente, eu estava com TRINTA anos, minha chefe queria uma matéria sobre a minha inexistente vida amorosa e depois essas coisas esquisitas em relação ao Tony. Eu estava com ciúmes dele com a tal Paula que veio da Itália?

— Você está bem?

Retirei as mãos do rosto e encarei Tony, sem expressão. Era essa a minha intenção, mas não tive êxito, pois ele girou minha cadeira e se agachou para poder me olhar nos olhos.

— Isso é devido à matéria?

— Tony, eu não tenho vida amorosa. Como eu vou escrever algo sobre mim que não existe? Eu vou lá dizer isso a Suellen agora mesmo. — Tentei me levantar, mas ele me impediu.

— O que você faz toda vez que recebe uma carta de um leitor para responder? — perguntou ele com serenidade.

— Eu oro, mas...

— Pense nisso como um novo caso e ore por ele. Você tem algumas semanas, quem sabe até lá algo extraordinário aconteça e você surpreenda os leitores com uma bela história? — Um vislumbre de sorriso passo pelo rosto dele.

Naquele momento, fiz questão de me inclinar para encará-lo mais de perto, só para observar sua reação.

— Algo extraordinário como a Paula ter um irmão alto, ruivo e tão bonito quanto ela?

— O quê? — Tony pareceu confuso com minha fala.

— Não precisa fingir para mim, Tony. Você e metade dos homens dessa redação ficaram babando pela novata.

— Eu fiquei? — Ele riu alto, levantando-se. Desviei o olhar e girei a cadeira para a mesa. Tony me virou de volta para ele. — Você ficou com ciúmes? — Dessa vez, não apenas um vislumbre, mas um contentamento escancarado tomou conta dos lábios dele.

— Claro que não!

— Foi o que pareceu. — Tony começou a andar rumo ao outro lado da sala, onde a turma *descolada* e *despreocupada* do esporte trabalhava.



No fim daquele expediente, desci para o estacionamento a fim de encontrar Tony, pois ele me daria uma carona. Meus pais fariam um jantar de aniversário para mim em nossa casa e Tony seguiria direto para lá comigo.

Como ele ainda não se encontrava, apoiei-me, exausta, no carro e aproveitei para verificar algumas notificações no celular. Absorta, não notei quando meu amigo se aproximou com Paula a tiracolo.

— Espero que não tenha problema, mas vamos ter que desviar um pouco a nossa rota — ele foi logo falando, dando a volta no veículo para abrir a porta do carona para ela.

Fiquei parada, encarando a cena, mal acreditando no que estava presenciando. Tony abriu sua porta logo em seguida e, antes de entrar, virou para mim com um sorriso irritante nos lábios.

— Você não vem?

Mordi o lábio inferior e comecei a contar até dez enquanto me obrigava a entrar no carro também. Preferi ficar em silêncio e me concentrar no celular o caminho todo até o hotel onde deixamos Paula, quase trinta minutos depois. Antes de voltarmos por *todo* o caminho novamente em direção a minha casa, Tony virou para trás e puxou o celular da minha mão.

— Ei, devolve! — protestei, ranzinza.

— Que bicho te mordeu? — ele inquiriu antes de olhar para a tela do aparelho. — Sério que você estava alimentando o *Pou*[i]?

— Eu também o levei ao banheiro, dei banho e brincamos. Agora ele estava jantando antes de tirar uma soneca para recarregar suas energias. — Provoquei-o intencionalmente.

— Você percebeu que acabou de ser bem mal-educada com a Paula, não é? — Revirei os olhos com desdém. — Você não disse uma só palavra durante todo o caminho!

— E eu ia falar o quê? Vocês tinham assuntos de sobra que mal me notaram aqui atrás — explodi, não me reconhecendo naquele momento.

Tony recuou alguns centímetros, surpreso com minha reação infantil. Eu não queria, mas lágrimas marejaram os meus olhos — talvez por conta da vergonha que senti pelo meu comportamento —, então os desviei para a janela. Ele ainda encarou o meu perfil por alguns segundos antes de virar para frente e voltar a dirigir em silêncio.

Entrei em casa com tanta vontade de fugir para o meu quarto, para me livrar do choro entalado na garganta, que mal notei a faixa de feliz aniversário pendurada entre a sala e a cozinha. Tulipas, minhas flores preferidas, enchiam um vaso no centro da mesa que já estava posta. Minhas irmãs, sobrinhos e cunhados já se encontravam lá, bem como os pais do Tony. Ignorei tudo e todos e passei direto em busca de refúgio.

Antes de bater a porta do quarto, escutei minha mãe perguntar o que estava acontecendo. Não esperei para ouvir a resposta de Tony. Joguei-me na cama com o rosto no travesseiro e chorei como há muito tempo não chorava. Não entendia de onde tinha vindo tudo aquilo. Deveria ter sido uma soma da idade, a matéria, a tal da Paula e o ciúme enorme que senti ao vê-la tão à vontade com Tony.

O meu Tony!

Assim que o pensamento me ocorreu, sentei na cama com um salto. Eu realmente estava com ciúmes do meu melhor amigo? Por mais que eu odiasse admitir, sim, eu estava corroída de ciúmes.



Quando saí do quarto, com os olhos inchados devido ao choro, não consegui encarar o Tony. Havia algo diferente nele. Por que eu estava notando isso só agora? Eu nunca o havia visto tão íntimo de uma garota antes que não fosse eu, compartilhando seu sorriso, sonhos e ambições — sim, eles falaram sobre tudo na meia hora de trânsito. O fato era que ele parecia mais atraente, interessante e atencioso com aquela estranha.

Minhas irmãs me olharam com curiosidade, mal se aguentando para saber o que se passava. Minha mãe me abraçou, desejando feliz aniversário e depois fui conduzida à mesa. Toda a turma nos seguiu e, alguns minutos depois, a conversa fluía livremente. Porém, pelo canto dos olhos, deu para notar que Tony não parava de me observar. Eu não sei o que ele disse para todos, mas eles não me interrogaram sobre o meu comportamento e os olhos vermelhos.

Meu amigo não esperou para cortar o bolo e foi embora antes mesmo dos pais dele, com uma desculpa qualquer. Quando restamos apenas eu e minha mãe, arrumando a cozinha tarde da noite, foi que ela tocou no assunto da minha chegada abrupta.

— Você sabe que pode me contar qualquer coisa, não é?

— Eu sei, mãe. Só que estou envergonhada demais para falar sobre isso agora. — Fui sincera.

Dona Sônia pendurou o pano de prato no gancho e me guiou até a mesa. Sentamos de frente uma para a outra e ela me contou uma parte da história dela e do meu pai que eu não conhecia.

— Você sabe que eu e seu pai éramos amigos de infância, não sabe? Assim como você e o Tony. — Uni as sobrancelhas sem saber onde ela queria chegar com aquele assunto. — O que você não sabe é que, por pouco, não o perdi por pura teimosia. — Ela sorriu com a lembrança. — Eu era teimosa demais para admitir que o amava. Quase foi tarde demais para nós, no entanto, Deus foi misericordioso e me fez reconhecer que ele era o meu escolhido.

— Por que está me dizendo isso? — perguntei desconfiada.

— Não sei. Eu apenas senti no meu coração que deveria contar. — Ela ficou pensativa por um instante. — Vejo você reclamando, às vezes, sobre Deus ter esquecido esse lado da sua vida, mas será mesmo que é isso ou você não está vendo as coisas com clareza?

Eu sempre tinha um argumento, mas naquele momento as palavras fugiram de mim. Mamãe se levantou e depositou um beijo na minha testa

antes de se retirar para o quarto. Fiquei sozinha na cozinha silenciosa, me questionando se a história dos meus pais se repetiria comigo e Tony.

Já no meu quarto, puxei uma caixa de lembranças do fundo do armário. Era difícil encontrar uma foto ali em que Tony não estivesse ao meu lado. Espalhei todas elas sobre a minha cama, como que em busca de pistas, à medida que uma avalanche de lembranças me atingia.

Nos acampamentos da igreja, nas peças teatrais da escola, os passeios, almoços em família, a mesma faculdade, o mesmo emprego... Era sempre o Tony. Enquanto minhas irmãs tinham suas melhores amigas, eu tinha apenas ele e ele a mim.

Uma foto do meu aniversário de quinze anos me chamou atenção. Ele havia sido o meu *príncipe* e dançávamos a valsa. O olhar dele para mim era tão genuíno, mas eu não havia notado na época, pois os meus olhos estavam fixos além dos ombros dele, na minha paixonite atual da época. A fotografia captou tudo. Tony me olhava, eu olhava para o Bruno que olhava para outra garota.

Meu estômago se apertou. Juntei tudo e joguei de volta na caixa. Eu só precisava de uma ótima noite de sono e que aquele dia maluco acabasse. Com certeza, na manhã seguinte, eu estaria bem.



Dito e feito! Acordei me sentindo renovada, apesar de uma dorzinha de cabeça chata por chorar tanto na noite anterior. Cheguei ao trabalho sem muito ânimo. No entanto, ao encarar minha mesa, uma euforia gostosa tomou conta de mim. Sobre ela havia uma rosa, um cravo, um jacinto e uma tulipa.

Ao longo dos anos, sempre que Tony e eu brigávamos ou nos desentendíamos, ele aparecia no outro dia com uma daquelas flores. Nossos pais eram donos de uma grande floricultura da cidade e nós sabíamos o significado de cada flor e para qual ocasião elas eram usadas. Aquelas sobre a minha mesa, eram para pedir desculpas.

Ergui os olhos em direção ao outro lado da redação. Tony estava lá, observando minha reação. Eu sorri, então ele se levantou e veio até a mim.

— Eu não sei o que eu fiz, mas senti que ontem o problema era eu — disse, puxando uma cadeira para se sentar.

— Perdão por aquilo — falei envergonhada. — Não sei o que aconteceu comigo. Fazer trinta anos mexeu com meus hormônios e acho que descontei em você a minha frustração.

— Tem certeza que foi só isso? — Tony parecia esperar uma resposta mais convincente.

Eu nunca revelaria ter a ver com o ciúme dele com a Paula também.

Com tudo *"esclarecido"*, a rotina voltou ao normal. Concentrei minha atenção no meu trabalho e selecionei alguns e-mails para responder na coluna das semanas subsequentes e anteriores a do Dia dos Namorados. Tentava, a todo custo, não ficar pensando na edição especial e sobre o que eu falaria.

Enquanto orava a Deus antes de responder aos leitores, eu também apresentei a minha situação. Para falar a verdade, acho que foi a primeira vez que orei sinceramente sobre esse aspecto da minha vida. Por fim, constatei que se eles queriam me conhecer, seria o meu verdadeiro eu: a moça de trinta anos e encalhada. Eu falaria do meu fracasso nessa área e mostraria ser possível viver assim — eu só precisava descobrir isso primeiro e me livrar dos meus dilemas para não desiludir metade das moças da cidade.

Contudo, algo ainda martelava o meu coração quando via Paula e Tony juntos. Eles haviam se tornado próximos e meu amigo estava com o péssimo hábito de me chamar para perto deles e tentar me incluir sempre que estavam juntos, não fazendo ideia do quanto aquilo me torturava. Como se não bastasse, ela não só trabalharia conosco, como também frequentaria a nossa igreja.

O tempo voou. Faltava apenas uma semana para a publicação especial do Dia dos Namorados. Notei uma movimentação na sala de reunião e fui até lá. A mesa no centro da sala estava posta como um verdadeiro banquete e Paula distribuía aperitivos a todos.

— Carol, você precisa provar essas empadinhas, são divinas! — E lá estava Tony novamente me puxando para segurar vela. — Acredita que a Paula quem fez tudo isso! — falou empolgado. — Ela realmente tem mãos de fada para a gastronomia.

De novo, mas agora com uma força bem mais intensa, senti tudo revirar dentro de mim ao ver os olhos dele brilharem ao se referir a ela. Aceitei o salgado que ele me oferecia e sorri fracamente.

— Como vai sua história, Carol? — ela quis saber parecendo realmente interessada.

Era irritante como ela queria ser minha amiga a todo o custo.

— Não tem muito o que enfeitar. Vou apenas contar a minha verdade — respondi.

Tony me olhou com o cenho franzido, talvez tentando entender o que eu estava dizendo. Alguém chamou por ela e então ficamos apenas nós dois.

— Você vai contar que não tem ninguém em sua vida?

— Essa é a verdade.

— Você está orando?

— Estou, mas estamos a menos de uma semana do Dia dos Namorados e duvido muito que eu conheça o amor da minha vida nesse tempo.

— Talvez você já o conheça.

Tony me encarou tão profundamente que aquele olhar me perturbou durante o resto do dia, impedindo-me de concentrar nos meus afazeres. Ele estava tentando dizer algo? Tony nunca fora de fazer rodeios, então, por que não estava sendo claro? E por que eu não o questionei sobre sua afirmação? Eu estava com medo de sua resposta? Será que ele estava se referindo...

Balancei a cabeça com força. Minha mente já estava me pregando peças. Se Tony gostasse de mim dessa maneira, eu saberia! Não saberia?

Suellen passou na minha estação de trabalho no fim daquele expediente para saber como iam as coisas e se eu não teria *amarelado.* Eu disse a ela a mesma coisa que disse a Paula: contaria a minha verdade.

Dois dias antes da entrega das matérias, eu estava sozinha na redação encarando o cursor do editor de texto piscar na tela em branco sem saber por onde começar o meu artigo. Tony me ligou dizendo estar ajudando na sessão de fotos para os pratos que a Paula apresentaria em seu *menu romântico.* A ligação estava péssima, dificultando entender o que era dito do outro lado da linha. Ele queria que eu pegasse as flores que estavam em um jarro de água na copa da redação e levasse para o endereço que ele passaria por mensagem. Eu, como boa amiga, me disponibilizei mesmo não querendo me enfiar entre eles outra vez.

Assim que recebi as coordenadas, segui para o local. Entrei no estúdio e um dos funcionários me indicou a sala onde seriam tiradas as fotos. Não tinha ninguém, no entanto, estava tudo perfeitamente organizado. Uma mesa posta para dois, com vela, flores e tudo que tinha direito. Em outro

cenário, que era a continuação daquele, outros pratos era apresentado. Senti uma pontada no coração ao desejar pelo menos uma vez na minha vida ser parte de algo tão romântico.

— Aí está você! — Paula e Tony entraram com o fotógrafo e mais duas moças. — Muito obrigada por trazer as flores — ela agradeceu.

Entreguei o buquê de rosas-vermelhas e Paula as organizou entre os aperitivos. Eu tinha que admitir, ela tinha o dom da sofisticação e bom gosto.

O fotografo tirou algumas fotos e, logo após, as conferiu sem muito ânimo.

— Sinto que falta algo. Se é Dia dos Namorados, não deveria ter um casal na imagem?

— Tem razão — Paula concordou. — Acho que fiquei tão focada na comida que me esqueci dos outros detalhes.

— Poderíamos tentar com seus amigos — sugeriu ele, olhando para mim e Tony.

Entreolhamo-nos e Paula veio até nós, implorando que a ajudássemos.

— Eu não sei. Não sou fotogênica. — Tentei escapar.

— Bobagem. A gente consegue. — Tony me surpreendeu, animado com a ideia.

— Prometo não abusar, serão apenas algumas fotos — o fotógrafo prometeu.

Olhei para os rostos cheios de expectativas e, enfim, aceitei.

As assistentes nos posicionaram e ajustaram a iluminação.

— Vocês têm que parecer um casal apaixonado em um jantar romântico do Dia dos Namorados — orientou Paula. — Não queremos decepcionar os nossos leitores!

Um suspiro trêmulo escapou dos meus lábios à medida que eu tentava entender o porquê de estar tão nervosa.

— Carol, apoie a sua mão esquerda sobre a mesa e Tony, segure a mão dela. Essa é a cena clássica e clichê dos enamorados. — O homem com a câmera falou enquanto ajustada a lente em nós.

Obedeci às coordenadas e, assim que Tony tomou minha mão, engoli em seco. Meu coração sacolejou no peito e meus olhos se fixaram no contato. Ele acariciou minha pele com o polegar e meu braço inteiro formigou. Quem eu estava querendo enganar? Estava apaixonada por Tony, meu melhor amigo e companheiro de uma vida inteira. Aquele que eu havia

dividido tantas alegrias, tristezas e fracassos. Aquele que conhecia o melhor e o pior de mim.

Levantei os olhos e ele me encarava parecendo sentir o mesmo que eu. Pela primeira vez, me ocorreu que o que ele nutria por mim durante todo esse tempo ia muito além de amizade. Tony me olhava da mesma maneira de quando dançamos no meu aniversário de quinze anos. Diferente daquela época, agora eu notava e minha atenção era apenas para ele.

— Bravo! — Fomos despertos pelo fotógrafo. — Quem precisa de modelos quando temos duas almas verdadeiramente apaixonadas bem aqui? As fotos ficaram perfeitas.

Eu mal havia notado os fleches que ele já havia disparado, e Tony não rebateu as palavras proferidas a nós, apenas sorriu com o comentário. Paula agradeceu feliz da vida pelo resultado, se retirando com a equipe logo em seguida para escolher as fotos, e nós fomos dispensados.

Como Tony havia vindo com Paula direto da redação para ajudá-la com os pratos, eu teria que levá-lo de volta para buscar o seu veículo no estacionamento do trabalho. Entramos em silêncio no meu carro e, antes que eu pudesse ligá-lo, Tony alcançou minha mão.

— Dá para parar de fingir que não está acontecendo nada entre nós? — Meu fôlego pareceu curto de repente.

Era agora ou nunca!

— E o que está acontecendo?

Eu precisava ouvir dele e não apenas ficar supondo.

— Algo que eu orei por anos para que você finalmente notasse.

Eu fiquei trêmula e uma sensação tão boa tomou conta de mim que eu não pude disfarçar o contentamento se desenhar em meus lábios.

— Você orou?

— Sim. — Ele entrelaçou a sua mão a minha e, como na hora da foto, acariciou-a com o polegar.

— Acho que deu certo, então — revelei antes que perdesse a coragem e deixasse passar a oportunidade.

Tony me olhou mais profundamente à medida que o calor das nossas mãos dadas aquecia cada milímetro dentro de mim.

— Você tem certeza? Não é só emoção por causa daquele cenário romântico e toda essa história de Dia dos Namorados, ou até mesmo o fato de estar com 30 anos e não ter outra opção? — Cauteloso como sempre fora, Tony queria descartar qualquer dúvida.

— Não é isso. É o fato de você ser o meu companheiro de uma vida inteira e tão preocupado com meus interesses e bem-estar. Por você ser um homem íntegro e temente a Deus, por querer honrá-lo antes de qualquer coisa. Eu sempre admirei isso em você e não poderia querer menos em meu futuro marido. Ou talvez seja porque eu fiquei com medo de te perder para a Paula.

Tony se mostrou surpreso com minha última declaração. Ele se virou e uma covinha apareceu no lado esquerdo de seu rosto quando sorriu divertido.

— Por que eu me envolveria com uma pessoa comprometida?

— Paula é comprometida?

Ele crispou os olhos um pouco intrigado.

— Você nunca notou a aliança de noivado na mão direita dela?

— Não!

Tony sorriu, cético.

— Ela está de casamento marcado, Carol.

— Eu achei que vocês...

— Eu só estava sendo gentil. Ela era nova aqui e... — Ele me olhou, incrédulo. — Você nunca percebeu que eu sempre te incluía em tudo? Começando pela carona que demos a ela em seu primeiro dia de trabalho, só ofereci porque você estaria junto.

— Você abriu a porta para ela tudo, o que queria que eu pensasse? — Tentei me justificar.

Tony tombou a cabeça para trás e sua gargalhada contagiosa preencheu todo o carro.

— Você sabe que aquela porta do meu carro é emperrada!

Eu nem havia me lembrado daquele detalhe. Olha o que o ciúme faz com a gente...

— Você nunca abriu aquela porta para mim — ainda tentei argumentar.

— Eu fiz muito mais que isso, Carol. Eu abri o meu coração e o deixei a sua disposição durante todos esses anos para você entrar. — Confesso, derreti com aquela declaração. Quem não derreteria? — Eu só preciso que me diga se você vai aceitá-lo de uma vez por todas ou devo retirar a oferta.

Sem reserva alguma, deixei as lágrimas rolarem. Estava cansada de tentar fugir ou esconder meus sentimentos recém-descobertos. Eu o amava e

queria estar com ele. Deus finalmente estava enviando a resposta que eu tanto busquei durante anos, sem saber que ele estava o tempo todo ao meu lado.

— Eu aceito. É claro que eu aceito. — Aquela era a frase mais convicta que havia dito em muito tempo.

Tony sorriu, aliviado e radiante.

Caro leitor, uma coisa que aprendi nas últimas semanas, quando fui desfiada a falar sobre minha vida sentimental, é que eu não fazia ideia do quanto eu estava sendo cega. Tantos anos aqui com vocês, levando palavras e conselhos tão bons, mas que não se aplicavam a mim.

Durantes esses dias, entendi o quanto o amor pode ser paciente. Talvez você aí do outro lado se encontre como eu estava: absorta, desacreditada, e até mesmo encalhada. Porém, existe alguém lá em cima sondando o seu coração e procurando entre tantos nesse mundo a pessoa certa, especificamente para você.

Quem sabe você, só precise olhar para o lado. É provável que só precise caminhar mais um pouquinho, ou, decerto, você não esteja preparada ainda e isso pode demorar alguns anos para se concretizar. Hoje, eu reconheço que não estava pronta para o Tony e, graças a Deus, ele estava revestido de perseverança e disposto a me esperar. Seu amor por mim foi paciente, bondoso, tudo sofreu, creu, esperou e suportou.

Enquanto digito esse artigo, um reluzente anel brilha no meu dedo anular direito, provando para mim que Deus se importa com as questões do coração. Não perca a esperança. Quem sabe, no próximo Dia dos Namorados, você não esteja lendo a sua história de amor aqui, assim como acabou de ler a minha?

De sua conselheira e amiga, Carol.

FIM

[i] *Pou - Jogo de animal de estimação virtual.*

Agradecimentos

Deus tem sido maravilhoso ao colocar amigas no meu caminho que abraçam os meus projetos comigo.

Maina Mattos, sempre uma incentivadora, cuidando da diagramação e preparação do e-book para publicação. Você deveria ser uma agente literária, mulher!

Clys Oliveira, auxiliando com suas super dicas de gramática. Suas revisões é um curso completo de português. Quando eu crescer, quero ser igual a você!

Aline, obrigada pela linda capa. Captou exatamente o que eu queria para representar o conto, gratidão!

Jani, Vic e Mali, minhas leitoras betas e garotas que levarei para sempre no meu coração. Conte comigo, sempre!

E obrigada a cada leitor pela confiança e pela feliz companhia.